

João Paulo Silvestre

Argumentação no prólogo do *Vocabulario Portuguez, e Latino*: a defesa da obra e da língua portuguesa

in Luís Machado de Abreu e António Ribeiro Miranda, *O Discurso em Análise* – Actas do 7º Encontro de Estudos Portugueses, Aveiro, Universidade de Aveiro, 2001, pp. 87-101. ISBN 972-789-048-2.

Resumo: No conjunto de paratextos que antecedem o *Vocabulario Portuguez, e Latino*, publicado em 1712 por Rafael Bluteau (1638-1734), destaca-se o “Prologo do autor a todo o genero de leitores”. O autor, sentindo a necessidade de defender a obra, inovadora no panorama lexicográfico português, elege o prólogo como palco privilegiado para rebater as críticas, recorrendo a estratégias discursivas adequadas. Dividindo o prólogo em alíneas, endereça cada uma a um diferente destinatário: o leitor benévolo, o malévolo, o impaciente, o português, o estrangeiro, o douto, o indouto, o pseudocrítico, o impertinente e o mofino. No entanto, o texto foi concebido para ser lido no seu conjunto, sendo a separação uma estratégia de apresentação dos temas, dirimindo argumentos com os interlocutores mais convenientes. As temáticas centrais são a defesa da obra lexicográfica e da língua portuguesa, numa época em que os vernáculos afirmam a sua autonomia perante o latim. Com Bluteau, tecnolectos, hibridismos e neologismos são dicionarizados, opções essas que têm de ser justificadas. Procura ainda apresentar argumentos que contrariem a subalternização do português no panorama linguístico europeu.

O esforço investido em provar com bastantes exemplos as suas teses, decorrente das estratégias argumentativas, transforma o “Prologo do autor a todo o genero de leitores” numa preciosa fonte para o conhecimento do pensamento metalinguístico e metalexigráfico do autor.

1. Quando um autor se dirige ao seu leitor, por meio de um prólogo ou de um prefácio, tem em mente, de um modo geral, dois objectivos: obter a leitura e criar condições para que esta decorra nos moldes desejados¹. Para o conseguir, procura criar laços de empatia com o leitor e provar-lhe a importância da obra; aproveita ainda para fornecer as informações consideradas indispensáveis a uma correcta descodificação do texto.

Em muitos prólogos, procura antecipar as críticas e apresentar os argumentos que legitimam as suas opções; caso contrário, a leitura pode afastar-se daquilo que o criador idealiza-

¹ Toda a esquematização proposta por GENETTE (1987: 182) toma estes dois objectivos como ponto de partida. Embora este autor atente particularmente em textos modernos, grande parte da esquematização proposta mantém-se válida na leitura do prólogo setecentista de Bluteau. Acrescente-se, todavia, que os paratextos barrocos, ricos do ponto de vista retórico e apelativos no que respeita à concretização tipográfica, constituem todo um aparato cujo fim é contribuir para o enriquecimento da obra, revestindo de solenidade o acto de aproximação ao texto.

ra. O autor expressa uma opinião, que necessita de ser justificada; para tal, selecciona estratégias discursivas de modo a obter a adesão do leitor. Estamos, portanto, perante um texto de cariz argumentativo².

A vertente argumentativa é bem patente no texto a que nos referiremos, o prólogo do *Vocabulário Portuguez, e Latino*, publicado no início do século XVIII. Todavia, a análise sairá enriquecida se o contextualizarmos no âmbito das academias que floresceram entre nós em meados do século XVII.

É neste cenário que encontraremos o seu autor, Rafael Bluteau (1638-1734), clérigo regular teatino, que chega a Portugal em 1668. Apresenta-se na corte do então príncipe regente D. Pedro II, onde as suas qualidades oratórias são notadas. Depressa estabelece relações com alguns dos nomes mais preponderantes na sociedade da época, entre os quais sobressaem os Condes da Ericeira, D. Luís e, mais tarde, D. Francisco Xavier de Meneses. Toma assento nas academias, enveredando por um estudo atento da língua portuguesa, que culminará com a elaboração e publicação, em dez volumes, do monumental *Vocabulário Portuguez, e Latino* (1712-1728). Tido por próximo dos interesses franceses, foi alvo de suspeitas no período em que as relações diplomáticas entre Portugal e França se agravaram³, sendo reabilitado junto da corte após o tratado de paz de 1713; obteve então os favores de D. João V, que passou a suportar a publicação das suas obras.

2. A actividade das academias, embora tenha atingido um momento notável no período joanino, já datava de meados do século XVII. A primeira notícia de reuniões regulares reporta-se à Academia dos Generosos (1647-1677), que se extinguiu após a morte do fundador, D. António Álvares da Cunha. No período entre 1684 e 1686, os filhos, D. Pedro e D. Luís da Cunha, retomam as actividades, novamente interrompidas até 1693. É nesta data que D. Francisco Xavier ingressa na renovada Academia dos Generosos, à qual virá a presidir em 1696, agora sob o nome de Conferências Discretas e Eruditas.

Ofélia Paiva Monteiro, muito sugestivamente, caracteriza estas academias como assembleias “onde reinavam, como senhores absolutos, as agudezas conceituosas, os arrebiques de linguagem e as imagens cheias de ouropéis da arte seiscentista.”⁴ Mesmo passado o primeiro quartel do século XVIII, prevalecem o discurso panegírico, a poesia maneirista, a discussão de subtis problemas morais.

Não é propriamente na forma que as intervenções académicas de Bluteau se destacam: embora pugne contra os exageros seiscentistas, a verdade é que os seus discursos e a sua

² Sobre teorias da argumentação, cf. a síntese elaborada por A. C. Macário LOPES (1995).

³ Na Guerra da Sucessão de Espanha, Portugal adere ao partido do rei de Inglaterra, rasgando acordos que assinara anteriormente com Luís XIV. Cf. SERRÃO (s.d.: 222 e ss.).

⁴ Ofélia Paiva MONTEIRO, “No alvorecer do Iluminismo em Portugal...” (1962: 201). Num trabalho dedicado a D. Francisco Xavier e à sua contribuição para a renovação cultural no início do século XVIII, encontramos frequentes referências a Bluteau, que influenciou o Conde desde muito cedo, aproximando-o da cultura francesa (idem: 200).

obra são, de facto, barrocos⁵. Destaca-se sim pela introdução de notícias acerca de correntes de pensamento e progressos técnicos, que contrastavam com o conservadorismo do Portugal de seiscentos. Nos seus discursos — e também no *Vocabulário* — transparecem leituras, experiências e contactos decorrentes da formação e posteriores estadias nos centros de irradiação do saber que eram Roma e Paris⁶. Sob a forma barroca dos seus textos, encontram-se referências não só aos mais ilustres nomes das academias de Paris e Londres, mas também provas de um conhecimento dos progressos científicos e do pensamento filosófico. Opera como que uma síntese de todo um universo de saberes, apresentada aos seus ouvintes sob uma forma discursiva que estes consideram válida, embora cada vez mais desfasada do quadro europeu contemporâneo.

Mas o maior contributo do Padre terá sido o fomento da reflexão linguística em aspectos que, até então, não haviam sido suficientemente considerados. No elogio fúnebre de Bluteau, proferido na Academia Real de História (4-3-1734), o próprio D. Francisco Xavier recorda a participação do teatino nas sessões das Conferências Discretas e Eruditas:

“Nas Conferencias eruditas, com que desde o anno de 1696. honraraõ a minha Livraria os sabios Academicos de Lisboa, foy sempre o primeiro o Reverendissimo Padre D. Rafael; e depois do discreto requerimento das palavras Portuguezas antiquadas, proprias, e estranhas, propoz as duvidas, e observaçoens da mesma lingua, sogeitando-as às decisoens Academicas”.⁷

O Conde da Ericeira refere-se ao contributo de Bluteau no sentido de estimular a discussão acerca da língua portuguesa, propondo aos académicos que se pronunciassem sobre dúvidas com que o teatino deparava durante a recolha de informação destinada à elaboração do *Vocabulário*. Assim, a par de discursos sobre questões filosóficas e problemas matemáticos, houve também lugar a reflexão acerca das “palavras da lingua Portugueza, ou já introduzidas com significação propria, ou já antiquadas, ou ainda não admittidas”⁸. De facto, causava especial dificuldade a necessidade de incorporar no português todo um caudal de palavras, de modo a corresponder à pressão que o progresso científico da época exercia sobre a língua; nesse sentido, “examinaraõse os mais estimados Escriitores da lingua, a necessida-

⁵ Sobretudo, Bluteau parece ter sabido adaptar-se ao gosto do público dos seus sermões. São dessa opinião Aníbal Pinto de CASTRO (1973: 140-141) e Hernâni CIDADE (1975: 47). A elaboração do *Vocabulário* é muito influenciada pela retórica barroca, uma vez que encontramos no texto lexicográfico desenvolvimento de temáticas tendo em vista o auxílio da composição literária: “Tambem deve o Pseudocritico advertir, que em muitas partes deste Vocabulario ha discursos Moraes, Filosoficos, e Theologicos, que sahiraõ da penna do Author, e a Oradores Sagrados, e profanos podem dar para muitos assumptos grande soccorro. Estes literarios auxilios não os achará o Pseudocritico em nenhum outro Author.” Bluteau, *Vocabulário...* (1727: [32]).

⁶ A. Alberto de ANDRADE (1945a, 1945b) apresenta o teatino como um introdutor de uma filosofia científica entre nós, antes de Vernei.

⁷ D. Francisco Xavier de MENESES, “Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau...” (1734: 12).

⁸ Rafael BLUTEAU, *Prosas portuguezas recitadas em diferentes congressos academicos* (1727-1728: 2).

de, que havia de algumas vozes estranhas, para que nos faltavaõ nomes proprios, e sobretudo o uso, que he o melhor arbitro, a etymologia, e analogia, a pronuncia, a Orthografia, e Grammatica”⁹. Nestas sessões, a vertente argumentativa seria preponderante, uma vez que as decisões eram tomadas por votação, após cada um defender a sua razão.

Em 1717, o Conde da Ericeira funda a Academia Portuguesa, em que o teatino também tinha assento: “continuou o Padre D. Rafael a propor as duvidas, que lhe occurrião sobre a intelligencia, propriedade, e aceitação de algumas palavras”¹⁰. As preocupações filológicas eram patentes: na composição do *Vocabulario*, debatia-se com as dificuldades do registo do vernáculo, derivadas de uma ortografia em que se misturam o uso, a etimologia e tentativas de reprodução da oralidade, sem que houvesse consenso para o estabelecimento de regras. Da leitura do prólogo do primeiro tomo do suplemento, podemos depreender que o Padre, indeciso quanto às normas a seguir para o registo dos vocábulos, esperava dos homens doutos uma reflexão que conduzisse à normalização, solicitação que muitas vezes terá ecoado nas academias: “finalmente na Orthografia Portugueza, como na casa onde não ha paõ, todos gritaõ, e ninguem tem razaõ, porque até não assentarem os Doutos, como o tem feito os das outras naçoens, o modo com que se ha de escrever, sempre haverá contendas, e não saberá o vulgo quem tem razaõ. Eu, que (como Estrangeiro) não tenho voto na materia, muitas vezes me achey taõ confuso, que não sabendo que partido seguir, em huns vocabulos me conformey com a Orthografia de huns Authores, em outros com a de outros”¹¹.

3. Em 1712 é publicado o primeiro tomo do *Vocabulario Portuguez, e Latino*. É composto por cerca de 500 páginas de texto lexicográfico, antecedidas por 114 páginas que formam um conjunto paratextual apreciável, incluindo licenças, dedicatórias, elogios ao autor sob a forma de composições poéticas, transcrições de cartas. Destaca-se neste aparato barroco o “Prologo do autor a todo o genero de leitores”, com 45 páginas.¹²

O prólogo, além das funções mais tradicionais de apresentação das virtudes da obra e indicação de instruções para a sua leitura, constitui ainda um espaço para resposta a críticas e exposição do pensamento linguístico. O modo como o Padre se antecipa às críticas é indiciador da discussão que o *Vocabulario* e as opções seguidas já deviam ter suscitado, quer nas sessões académicas, quer em conversas informais no círculo de homens cultos em que se movia. Assim, este prólogo é um discurso que continua outros discursos; constituindo ponto de partida para novas intervenções. Na forma, regista o requinte e erudição das acade-

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ Caetano do BEM, *Memórias historicas chronologicas...* (1792: 313).

¹¹ Rafael BLUTEAU, *Vocabulario...* (1727: [38]).

¹² As páginas do conjunto paratextual inicial não se encontram numeradas; a paginação com ordenação numérica regular só se encontra no texto lexicográfico.

mias; nas temáticas, como se verificará, retoma muitas das preocupações já anteriormente manifestadas.

O prólogo apresenta-se dividido em dez alíneas, de extensão desigual, cada uma endereçada a um diferente destinatário: o leitor benévolo, malévolo, impaciente, português, estrangeiro, douto, indouto, pseudocrítico, impertinente e mofino. A intenção de se dirigir a cada um destes leitores em particular é reforçada pela autonomia textual de que as alíneas gozam; isto é, cada uma poderia ser lida isoladamente¹³.

No entanto, é ao conjunto que temos de atender, considerando que a divisão é uma estratégia de apresentação dos temas que pretende tratar, separando-os e procedendo à argumentação em diálogo com o leitor.

Assim, formalmente, em cada alínea encontramos uma argumentação perante um único destinatário, sendo que cabe ao autor fazer com que os argumentos aduzidos se tornem válidos para o auditório universal¹⁴. Apresentam-se em seguida alguns tópicos de leitura, que não permitem resumir eficazmente toda a riqueza informativa do prólogo.

Ao leitor benévolo. É o momento da *captatio benevolentiae*, em que, brevemente e com modéstia, pede a atenção do leitor e a aderência às suas causas. Além disso, solicita a compreensão em relação aos erros que encontrar. Urge, neste preâmbulo, criar empatias que predisponham a uma boa comunicação no processo de leitura que se inicia. Transcrevêmo-lo integralmente:

“Sem o merecer, estou certo da tua aprovação. No teu bom animo tenho a certeza deste benefício. Tem a benevolencia afinidade como o amor; se não he cega, he mal vista. Não digo mais, LEITOR BENEVOLO; como tal, não veras, ou não quereras ver os meus erros.”¹⁵

Ao leitor malévolo. Esta é uma sequência dicotómica em que se procura destacar o contraste benévolo / malévolo. Bluteau, novamente de uma forma breve, mas acutilante, recorre à estratégia retórica da desqualificação do adversário: “coração mal affecto he Fortaleza inexpugnável à razão”. Ou seja, a índole do leitor malévolo dispensa a apresentação de mais argumentos, o que constitui uma clara desacreditação dos seus detractores:

¹³ Em 1727 é editado um suplemento do *Vocabulário*, acompanhado de um novo prólogo, em que se retoma a estrutura do texto de 1712. Repetem-se as invocações aos mesmos leitores, sendo a tónica claramente colocada na resposta às críticas dos “Aristarcos”, coligidas durante os anos que medeiam entre os dois prólogos.

¹⁴ Chaïm PERELMAN e Lucie OLBRECHTS-TYTECA (*Tratado da Argumentação. A Nova Retórica*, 1996) referenciam técnicas discursivas ao serviço da adesão do auditório às teses de quem argumenta; nesta obra encontram-se descritas e exemplificadas muitas das estratégias a que Bluteau recorre. Cf. especialmente o capítulo “O ponto de partida da argumentação” (p. 71 e ss.) em que se destaca a necessidade de estabelecer objectos de acordo em que a argumentação posterior assentará.

¹⁵ Rafael BLUTEAU, *Vocabulário...* (1712: [27]).

“Contra ti não se arma o meu discurso. Coração mal affecto he Fortaleza inexpugnável à razeão. Não se rende o baluarte do odio a batarias da Philosophia, nem pode haver erudição inacessível a tiros de malevolencia. Nas mais altas cadeiras do Senado Romano combateo Porcio a eloquencia de Cicero, & na sublimidade do Parnaso se atreueo Mevio à facundia de Virgilio. Alvo de maledicencia sempre foi, & sempre será, o que chegou a ser objecto de malevolencia.”¹⁶

Ao leitor impaciente. Nesta alínea, elege como tema da argumentação a defesa da obra lexicográfica. Esta é caracterizada como complexa, demorada, exigindo muito de quem a elabora. A propósito de cada palavra teve de considerar a etimologia, a derivação, a significação figurada, a equivalência latina e a abonação em autores portugueses. Sobretudo, é uma obra de paciente trabalho, pelo que não se pode exigir celeridade na publicação. O excerto seguinte é um exemplo do deslumbramento de Bluteau pela técnica e pela ciências naturais, aqui ponto de partida para um discurso metafórico ao gosto barroco, reforçando e retomando a ideia a transmitir:

“IA estou contigo, IMPACIENTE LEITOR. Estavas cansado de esperar por este cansado Vocabulário. Que cuidavas? Que livros são cogumelos, partos acelerados de huma noite humida, repentinas producçoens de huma chuva estiva? Cada palavra desta obra he materia para hum tratado, & cada tratado pode ser a substancia de muitos livros. Na Arte destillatoria custaõ muito os Extractos; exhalase, convertese em agoa o vapor; chora o lambique, & com muitas lagrimas recolhe o Recipiente pouca essencia. Compor Vocabularios, he fazer extractos de palavras, acendese com a curiosidade o dezejo de saber; fervem ao Autor os miolos, sualhe o topete, & depois de muita lição, apenas acerta coma a genuina significação de um vocabulo, tenue fruto; pobre Elixir, & leve substancia do laborioso estudo.”¹⁷

Ao leitor português. Não terá passado sem comentários o facto de um estrangeiro compor um dicionário da língua portuguesa, pelo que o autor sente a obrigação de provar a sua capacidade¹⁸. O lexicógrafo não é necessariamente um falante nativo da língua sobre a qual se debruça, tanto mais que, nesse caso, não haveria dicionários bilingues, pois “ninguem he, nem pode ser natural de duas terras”. Em sua defesa, chama a tradição dicionarística bilingue portuguesa: Bento Pereira, Jerónimo Cardoso e Agostinho Barbosa. O trabalho do lexicógrafo passa essencialmente pela recolha e ordenação das palavras citadas nos autores, ou seja, pelo estudo persistente.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Idem, [27-28].

¹⁸ Como notam PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA (1996: 21), o orador necessita de estar investido de qualidade e autorização.

“Tambem he de saber, que muitos Portuguezes, que pretendem reprovarme por estranho, são menos Portuguezes, do que eu. Todo o Portuguez, que naceo de quarenta annos a esta parte, tem menos annos de Portugal, do que eu. No anno de 1668. cheguei a este Reino , & desde aquelle tempo, raro foi o dia, em que me não aproveitasse de alguma noticia na lingua Portugueza.”¹⁹

Ao leitor estrangeiro. O valor da obra lexicográfica dependeria, em grande medida, do mérito do seu objecto. Num contexto europeu em que a língua portuguesa é relegada para segundo plano, quer pelas semelhanças com o castelhano, quer pelo reduzido peso estratégico do nosso país, a grandiosidade dos volumes do *Vocabulario* provaria a excelência do português.

Assim, Bluteau elege como tema da argumentação a defesa e ilustração da língua portuguesa, perante um leitor estrangeiro desconhecedor da sua verdadeira riqueza. Mesmo a sua extensão é um indicador a considerar, uma vez que constitui um quarto de todo o prólogo. Aqui, a estratégia passa pela desvalorização dos argumentos contrários à sua tese:

“Tambem houve, quem com rustica simplicidade me disse, que não merecia a lingua Portugueza tanto trabalho. A rezaõ deste disparate he; que na opiniaõ da maior Parte dos Estrangeiros [sic], a lingua Portugueza não he lingua de por si, como he o Francez, o Italiano, &c. mas lingua enxacoca , & corrupçam do Castelhana, como os Dialectos, ou lingoagens particulares das provincias, que são corrupçoens da lingua, que se falla na Corte”.²⁰

Bluteau contrapõe que o português possui um grande número de vocábulos, isto é, capacidade de referência. Além disso, goza de autonomia: é delimitável e distinguível face a outras línguas, especialmente o castelhano, língua da qual se dizia que o português era uma corrupta derivação.

Por conseguinte, o português merece lugar entre as línguas mais “amplas, cultivadas e célebres”. Note-se que, ao contrário de muitos contemporâneos, Bluteau não fala em perfeição: antes nega a existência de línguas perfeitas, pois só a língua adâmica havia sido, visto que nela as palavras representavam a essência das coisas²¹.

Ao leitor douto. Perante o leitor douto, para quem as “humildes notícias de vocabulos” constituem “uma obra indigna da curiosidade”, Bluteau defende um novo estatuto e função

¹⁹ Rafael BLUTEAU, *Vocabulario...* (1712: [30]).

²⁰ Idem, [31].

²¹ O teatino acreditava que a *confusio linguarum* de Babel havia corrompido definitivamente a língua original: Perdeose com Adam esta Philosophia nominal, & com ella se perderam os nomes quidditativos, & expressivos das sciencias na primeira lingoagem do mundo. Se elles escaparam do Diluvio Universal, & persistiram até o tempo dos temerarios architectos da Torre de Babel todos no calor de aquella turbulenta empreza se misturaram, & os que desta mistura resultaram, sam partos abortivos da confusam.” Idem, (1712: [38]).

dos dicionários. Por si só, a monumentalidade da obra (seguindo a tradição de outros dicionários europeus, nomeadamente de Robert Estienne) afasta-nos da concepção tradicional do dicionário enquanto livro elementar, intimamente ligado à prática escolar, complemento da gramática.

“Da tua modestia supponho, que não pretendes ser em todas as Artes perito, nem em todas as sciencias consummado; se com perfeição souberes alguma dellas, não será pouco, porque raro he o homem perfeito na propria sciencia, que professa. Com os termos pois, que na sciencia, ou Arte de tua profissam ignoras, acharás neste Vocabulário outros muitos das sciencias , & Artes, que não professas. Não te encareço as utilidades deste descobrimento; só digo que sendo tu já LEITOR DOUTO, chegarás a ser doutissimo leitor; entenderás os termos , & fallarás com propriedade nas proprias sciencias, que ignoras.”²²

Bluteau concebe o dicionário como um instrumento ao serviço da erudição, repositório de informação relativa às diversas áreas científicas, de cujo domínio completo nenhum douto se pode vangloriar. Esse esforço de compilação dos vários ramos do saber caracteriza o dicionário universal: “he huma nomenclatura de tudo, o que comprehende em si o Universo”²³.

Ao leitor indouto. O autor exemplifica as vantagens que o leitor indouto pode obter da leitura do *Vocabulário*, o que é uma forma de, indirectamente, enaltecer a obra. Fornece de modo implícito algumas indicações de leitura, ou seja, o modo de consulta. O autor destaca especialmente os proveitos que se podem retirar da quantidade de informação terminológica que o dicionário regista: o indouto, percorrendo as páginas, poderá reunir os termos de uma arte ou técnica e elaborar um texto em que demonstre profundos conhecimentos dessa área.

²² Idem, [43]. Nos prólogos encontramos uma categorização dos diversos tipos de dicionários, de acordo com o autor: “Se o Vocabulário for Historico, como o de Luiz Moreri, nos nomes das pessoas insignes, e dignas da memoria da posteridade, se achará hum compendio da sua historia. Se o Vocabulário for de cousas, e não de pessoas, como o do Abbade de Furetiere, ou da Academia da lingua Franceza, nos nomes de todas as coisas corporeas, e incorporeas se acharão as suas mais singulares propriedades. Se o Vocabulário for como o do Lexicon Universal de Hofman, achará o Leitor noticias das pessoas juntamente, e das cousas, e andará advertido nas materias concernentes à pureza da Fé, porque o Author não he Orthodoxo. Este meu Vocabulário, como não he de pessoas, nele só se acharão os nomes de alguns Numes, ou Heroes, e Personagens fabulosas, cujo conhecimento me pareceo preciso para os Poetas, e Mythologicos.” (1727: [7]). “Diccionarios de linguas trazem nomes de cousas, e não de pessoas; porque em todas as linguas os nomes das pessoas, pouco mais, ou menos são os mesmos; e os nomes das cousas são quasi sempre diversos. Dictionarios de nomes de pessoas, são Historicos; dão conta da genealogia, nascimento, vida, e morte, virtudes, ou vícios, fortunas, ou desgraças de pessoas celebres no Mundo. Dictionarios de nomes de cousas, são Etymologicos, Grammaticaes, Scientificos; dão conta das cousas produzidas da natureza, ou da arte.” (1727: [31])

²³ Idem, [44].

“Com estas gloriosas conveniências te convido, LEITOR INDOUTO; sei quanto aborreces as contendias, & letigios das Escolas; quizera levarte sem tropeços para o Templo da sabedoria, & sem matriculas da Universidade tomara verte em toda a materia scientifica universal. Não te prometto tanto, porque com a simples noticia das dicçoens, ninguem pode ser perfeitamente douto; porem com a pratica deste vocabulario, aprenderàs sem trabalho, e alcanças sem estudo, o que grandes Mestres, & famosos cathedrauticos ignorão.”²⁴

Bluteau apresenta o seu dicionário como um auxiliar da composição literária, permitindo recolher terminologias em listas parcelares de fácil consulta.

Ao leitor pseudocrítico. A designação de pseudocrítico indicia a estratégia argumentativa a que o autor recorrerá para se defender dos erros que surgirão no *Vocabulário*: destituiu os críticos de autoridade, afirmando que, por um lado, não criticam de forma a melhorar a obra e, por outro, não têm os conhecimentos necessários para o fazer.

Além do mais, sublinhando as debilidades do autor perante a tarefa a que se propõe, reforça a importância da obra em si, num processo de *amplificatio*.

“...em hum Vocabulário, obra de sua natureza desagradavel, impertinente, sempre indigesta, porque sempre diminuta, & tam fora de exercitar o engenho, que he capaz para fazer perder o juizo; na minha opiniam não tem lugar a Critica; a compaixam, sim, & a piedade, porque neste genero de composçam em certo modo sam inevitaveis os erros, pellas infinitas materias, em que falla o Autor sem a requisita noticia.”²⁵

A alínea é ainda importante pelas informações sobre as circunstâncias da redacção e produção que, de algum modo, condicionaram o produto final. Na sua investigação lexicológica, Bluteau recorreu, para além dos autores consagrados, aos falantes: “Para o uso das palavras, não há Autores mais graves, que os Mestres do officio, de que sam as palavras”. O teatino recorreu também a vários colaboradores, os quais, apesar de portugueses nativos, também lhe deram informações erradas; por fim, nota os erros de impressão, que crê serem identificáveis pelo leitor douto.

Ao leitor impertinente. O *Vocabulário Portuguez, e Latino* tem, como subtítulo, uma série de 57 epítetos que visavam, nas palavras do autor, “declarar a substancia” do conteúdo²⁶. Embora o procedimento encontrasse paralelo em outros dicionários europeus, os adjecti-

²⁴ Idem, [50].

²⁵ Idem, [51].

²⁶ *Vocabulário Portuguez, e Latino, Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico, Brasilico, Comico, Critico, Chimico, Dogmatico,...* Citamos o título completo na bibliografia.

vos escolhidos, compostos gregos e latinos, causariam estranheza pela significação obscura e, decerto, deslumbramento pela erudição demonstrada.

Bluteau vê-se na necessidade de defender o título da obra. Garantindo que os epítetos evitam a redundância da paráfrase, descodifica-os ao leitor impertinente, recorrendo à metalinguagem, dado o carácter inovador de muitas das referências. Ao defender o título, mais do que escudar a obra, defende uma concepção de lexicografia, em que se destaca o amplo registo de tecnolectos, hibridismos e neologismos.

“Sem estas , & outras semelhantes usurpaçoens, ou emprestimos do Grego, muitas vezes seria necessaria huma grande escritura, para formar o titulo de qualquer livrinho; quando pelo contrario, com poucas palavras, tomadas do Grego, manifesta hum Escritor a substancia da mais vasta idea. Diante dos olhos tens a prova desta verdade. No frontispicio desta obra com cincoenta , & quatro adjectivos, pella mayor parte Grego-Lusitanicos, digo, o que declarado em romance, não caberia em muitas folhas de tediosos periphraasis , & circunloquios. Agora pergunto. Com as razoens sobreditas, & com esta demonstraçam ficaràs tu satisfeito , & eu justificado? Não sei. Se a primeira folha desta obra deu â tua impertinencia tão grande campo, que será entrando mais da terra para dentro?”²⁷

Por outro lado, temendo a acusação de que o seu *Vocabulário Portuguez, e Latino* de latino teria pouco, explica que o latim, enquanto língua morta, não acompanha a evolução do léxico das línguas vivas, pelo que não registará um equivalente latino em todas as palavras portuguesas. De facto, estamos na presença de uma transição para um dicionário monolíngue, verificando-se uma subalternização do latim e a valorização do vernáculo.

Ao leitor mofino. Bluteau conclui o seu prólogo com o que podemos classificar de defesa e elogio das artes liberais e, por consequência, do próprio autor, que as cultiva. Ao leitor mofino, que se queixaria do elevado preço do *Vocabulário*, lembra que o saber não tem preço: quem adquirir os volumes pagará somente o material e os artífices. Recompensas monetárias não importam ao autor, que não lamenta os lucros que deixou de auferir, por se ter afastado dos púlpitos para se entregar ao estudo.

“Parece, que com estas razoens tenho provado, que para servir a Republica das letras, não poupei, nem trabalho, nem dinheiro; & o que mais he, do trabalho, que tomei , & do dinheiro, que gastei, não espero premio algum; porque como as boas letras se chamam , & sam, Artes Liberaes, tudo nellas (para amofinar mofinos) deve ser liberalidade, desenterece, & grandeza.”²⁸

²⁷ Rafael BLUTEAU, *Vocabulário...* (1712: [60]).

²⁸ Idem, [71].

4. O processo da génese do *Vocabulário* e as inovações que este introduz no panorama lexicográfico português explicam um prólogo em que a tónica é colocada na defesa da obra, empregando recursos do texto argumentativo. Acaba por deixar em segundo plano a preocupação em fornecer, de um modo explícito, indicações para a consulta do dicionário, que talvez considerasse desnecessárias para o público a que se destinava.

De facto, a informação metalinguística e metalexigráfica estão presentes, embora obnubiladas pela encenação de um certame entre o autor e os seus leitores, mais ou menos benévolo²⁹.

Essa aparente secundarização não desvaloriza o texto, que constitui uma preciosa fonte para a compreensão da teoria lexicográfica e pensamento linguístico do autor, introduzidos no discurso como justificação necessária das suas opções.³⁰ No entanto, é também a qualidade literária que convida à redescoberta deste prólogo, especialmente porque constitui bom exemplo do deslumbramento pela palavra e da erudição que caracterizam o homem barroco.

²⁹ Um levantamento exaustivo da vertente linguística e lexicográfica não cabe no âmbito deste trabalho. No entanto, estes temas são preponderantes, como verificamos na análise dos substantivos de maior frequência neste prólogo. Assim, *lingoa / lingoas* (112 ocorrências), *palavra / palavras* (100), *nome / nomes* (64), *obra / obras* (61), *autor / autores* (59), *leitor / leitores* (58), *Vocabulário / Vocabulários* (49), *livro / livros* (46), *letra / letras* (38), *mundo* (35), *tempo* (34), *vocábulo / vocábulos* (32).

Tendo em conta que se trata de um texto argumentativo, note-se ainda a frequência dos conectores *porque* (84) e *como* (104), este último introduzindo as abundantes comparações que ilustram e autorizam os argumentos apresentados. Por fim, observe-se a abundância de formas pronominais referentes aos interlocutores, reforçando a vivacidade de um discurso que procura tornar presente as figuras dos diferentes tipos de leitores: *eu* (21), *me* (49), *tu* (9), *tua / tuas* (31), *teu / teus* (14).

³⁰ O “Prólogo” terá sido interpretado essencialmente como uma apologia da obra, pelo menos se tivermos em conta a referência que Madureira Feijó lhe faz, no início da sua *Orthographia*: “Leitor sábio, e entendido, isto não he prólogo, para antecipar satisfaçoens á crítica dos Zoilos; porque depois que o doutissimo Bluteau fez prólogos para todo o genero de Leitores, todos os mais ficaõ escusados , para confusaõ da mordacidade, na crítica.” (1739: [3]).

Bibliografia

ANDRADE, António Alberto de, “A orientação da filosofia nas escolas dos Institutos Religiosos, antes e depois de Vernei”, *Brotéria*, 41, 4, 1945a, pp. 241-256.

ANDRADE, António Alberto de, “A posição filosófica de D. Rafael Bluteau”, *Brotéria*, 41, 6, 1945b, pp. 540-553.

BEM, Caetano do, *Memórias históricas chronológicas da sagrada religião dos clérigos regulares em Portugal, e suas conquistas na Índia Oriental...* Lisboa: Na Regia Officina Typografica, 1792.

BLUTEAU, Rafael, *Prosas portuguezas recitadas em diferentes congressos academicos...* Lisboa Occidental: Na Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1727-1728 [2 partes em 1 volume].

BLUTEAU, Rafael, *Vocabulário Portuguez, e Latino, Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico, Brasilico, Comico, Critico, Chimico, Dogmatico, Dialectico, Dendrologico, Ecclesiastico, Etymologico, Economico, Florifero, Forense, Fructifero, Geographico, Geometrico, Gnomonico, Hydrographico, Homonymico, Hierologico, Ithyologico, Indico, Isagogico, Laconico, Liturgico, Lithologico, Medico, Musico, Meteorologico, Nautico, Numerico, Neoterico, Ortographico, Optico, Ornithologico, Poetico, Philologico, Pharmaceutico, Quidditativo, Qualitativo, Quantitativo, Rhetorico, Rustico, Romano; Symbolico, Synonimico, Syllabico, Theologico, Terapeutico, Technologico, Uranologico, Xenophonico, Zoologico. Autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joaõ V. pelo Padre D Raphael Bluteau Clerigo Regular, Doutor na Sagrada Theologia, Prêgador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, e Calificador no sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa. Coimbra No Collegio das Artes da Companhia de Jesu Anno de 1712. Com todas as Licenças necessarias.* [Transcrevemos na íntegra a página de rosto do primeiro tomo. Os primeiros volumes foram publicados em Coimbra, no Colégio das Artes da Companhia de Jesus: I (1712); II (1712); III (1713); IV (1713). Os restantes imprimiram-se em Lisboa, em diferentes casas tipográficas: na Oficina de Pascoal da Silva: V (1716), VI (1720), VII (1720), VIII (1721); na Oficina de José António da Silva: Suplemento, Parte I (1727); na Patriarcal Oficina da Música: Suplemento, Parte II (1728).]

CASTRO, Aníbal Pinto de, *Retórica e teorização literária em Portugal. Do Humanismo ao Neoclassicismo*. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1973.

CIDADE, Hernâni, *Lições de Cultura e Literatura Portuguesa*, II, Coimbra: Coimbra Editora, 1975.

FEIJÓ, Madureira, *Orthographia, ou arte de escrever e pronunciar com acerto a lingua portugueza...* Coimbra: Na Officina de Luis Seco Ferreyra: 1739.

GENETTE, Gérard, Seuil, Paris: Éditions du Seuil, 1987.

LOPES, Ana Cristina Macário, “Argumentação, Argumento”, in *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa: Verbo, 1995.

MENESES, D. Francisco Xavier de, “Elogio do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau, clérigo regular, e academico da Acadamia Real da História Portugueza, E nella recitado pelo Conde da Ericeira, Em 4 de Março de 1734” in *Collecçam dos documentos e memorias da Academia Real da Historia Portugueza*. Lisboa: Na Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1734.

MONTEIRO, Ofélia Paiva, “No alvorecer do Iluminismo em Portugal: D. Francisco Xavier de Meneses, 4º Conde da Ericeira”, *Revista de História Literária de Portugal*, Coimbra, volume I, 1962, pp. 190-234 e volume II, 1964-1967, pp. 1-58.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie, *Tratado da Argumentação. A Nova Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996 (Tradução de *Traité de l'argumentation: la nouvelle rhétorique*, 1988).

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, Volume V – A Restauração e a Monarquia Absoluta. Lisboa: Verbo, s.d.

SILVESTRE, João Paulo, 2001 «Argumentação no prólogo do Vocabulário Portuguez, e Latino: a defesa da obra e da língua portuguesa», in Luís Machado de Abreu e António Ribeiro Miranda, *O Discurso em Análise – Actas do 7º Encontro de Estudos Portugueses*, Aveiro, Universidade de Aveiro, pp. 87-101. ISBN 972-789-048-2.

